

## **O Uso Instrumental da Ciência e A Aceitação do Inapreensível\***

**Paulo Rosenbaum\*\***

“O saber deve, portanto, vir acompanhado de uma capacidade equivalente de esquecer o saber.” Gaston Bachelard

O recente escândalo relacionado à crise sanitária mundial durante a pandemia mostra como a ciência tem sido politicamente instrumentalizada. Deveríamos exigir sobriedade e calma em qualquer análise de assuntos polêmicos, porém vários representantes do poder e candidatos aproveitam para desinformar a população, como se fosse razoável torcer e militar contra ou a favor de medicamentos.

A velha ciência ainda encontra defensores e insiste nos anacrônicos erros do positivismo lógico. Em ciência, despertar o ceticismo --- o que é muito diferente de nos tornar céticos – traduz-se por uma desconfiança salutar das nossas próprias convicções. Afinal, elas precisam ser confrontadas como entidades peremptórias e majestáticas.

A ciência deveria ser a antítese do dogmatismo. E jamais ser usada de forma partidária. Seria conveniente, portanto, que ela fosse preservada das diatribes supérfluas, a despeito de ficar evidente quando ela sofre abusos por parte dos cúmplices da desinformação.

A ciência que tem consciência, além de autocrítica, é receptiva às sucessivas mudanças de paradigmas. O dogmatismo que predominou durante a crise sanitária do SarsCov2 nos lembrou do que havia de pior no arbítrio político. Especialmente contras as tentativas de encontrar soluções alternativas para combater uma pandemia sobre a qual por um bom tempo reinava uma completa obscuridade. Destarte, isso não significa aceitar automaticamente o discurso que procura vilanizar todos os imunizantes.

A ciência pode ser comparada à definição de Churchill sobre a democracia: parafraseando sua citação, ela até pode ser acusada de ser uma forma reducionista para investigar a realidade, com exceção de todas as demais. A ciência, porém, precisa reconhecer seus limites para não ir além do que tem capacidade para rastrear. Como pensava Adin Steinsaltz “a ciência funciona porque se limita a um grupo pequeno de assuntos.”

Já a sua instrumentalização política não é apenas destrutiva, como perverte seu sentido original. Para a autêntica ciência a verdade deve ser sempre relativizada, enquanto tanto para o cientificismo como para os seus antípodas, há uma verdade irretorquível.

Os cientistas que se pautam por dogmas, seja nas áreas humanas ou dentro das ciências duras – partilham da mesma visão fanática de mundo que os seus antagonistas. Exigem uma teleologia pronta, uma explicação universal e definitiva para todos os fenômenos. Não estão preparados para o provisório, o transitório, e as descobertas efêmeras que as pesquisas evidenciam. Cientistas dominados pelo determinismo já abandonaram, muitas vezes sem consciência disso, o eixo que sustenta a atitude científica.

A ciência é sempre auto retificadora. Sempre mutável. Sempre procura sondar suas contradições, não para achar a palavra final, mas fundar uma teoria provisória que a faz avançar para um novo estatuto, um novíssimo degrau de conhecimento. Nesse sentido, o espírito da ciência crê que o conhecimento jamais será um estado de arte perfeito, linear e acabado. E, portanto, quem a pratica deveria ser humilde o suficiente para saber que sabe menos do que imagina que sabe.

Isso não significa tampouco que, no campo do saber não existam absolutos, os quais, aliás, deveriam constar como cláusulas pétreas civilizatórias, como, por exemplo, a recusa em aceitar a censura como recurso regulamentador, o princípio da não maleficência, a liberdade como eixo das democracias, a empatia como um valor consensual, além dos direitos e deveres humanos.

A humanidade, está comprovado, precisa também contar com ilusões, exageros e impossibilidades. Só a partir desse conjunto de virtudes e vicissitudes conseguiremos sair do imobilismo. Isso dito, o limite para acreditar em utopias e sistemas morais e políticos idealizados deveria estar permanentemente ancorado na experiência.

Somente uma ciclotimia ideológica, realizada através da flutuação dos argumentos, e o desapego aos rótulos, devolveria a sociedade a capacidade de voltar a pensar de forma razoavelmente autônoma e emancipada. É possível escolher, na verdade talvez seja a nossa única liberdade remanescente, se desejamos permanecer nas franjas raivosas cujo resultado pode desembocar no horror hobbesiano do “todos contra todos”, ou, a despeito dos ruídos histéricos ecoados nas redes sociais lembrar que ainda temos um destino comum como humanidade.

Uma das provas eloquentes da recente radicalização foi o manifesto de inimigos da humanidade -- responsável pelo ataque às torres gêmeas -- ter alcançado o status de texto *cult* em algumas universidades dos USA. Mais grave que os financiamentos obscuros que recebem, tem sido o terreno altamente fértil com que grupos radicais, de clara inspiração jihadista e filonazista, abraçam as campanhas de ódio.

Quem já viveu sob a ditadura ou submetido a qualquer regime autocrático, onde predomina a mordida e o arbítrio, sabe perfeitamente que, sob a batuta dos regimes de exceção, o centro político emudece. E essa é a grande estratégia das forças que extraem benefícios com a perpetuação da divisão da sociedade. A manipulação dos dados científicos faz parte dessa farsa.

Caberia à ciência o papel de relativizar as certezas. E, paradoxalmente, ao tomar as verdades como simples efemérides, ajudar as sociedades na tarefa de aceitar que temos que conviver com o contraditório e o inapreensível. O treino epistemológico é aquele que reforça o pensamento crítico: estar aberto a aceitar o contraintuitivo, prezar os achados paradoxais e, muitas vezes, assentir que o teste de hipótese não procede.

A natureza é pródiga em nos lembrar todos os dias que o imprevisível é a única norma estável. E recoloca a sensação de controle no patamar de uma aberração estatística. O propósito da *tekhné* é investigar, e assim estar atento à possibilidade dos descartes das teorias, e mais próximos das fronteiras das novíssimas descobertas.

A investigação da realidade sempre estará entre o método científico e a dimensão arte: o caminho do meio é a única passagem de salvo conduto para o conhecimento.

\*<https://www.estadao.com.br/brasil/conto-de-noticia/o-uso-instrumental-da-ciencia-e-a-aceitacao-do-inapreensivel/> \*\*Paulo Rosenbaum, médico e escritor. Doutor em Ciências, Pós Doutor em Medicina Preventiva pela FMUSP. Editor do Blog “Conto de Notícias” no Estadão. Autor de “Verdade Lançada ao Solo”, “Navalhas Pendentes”, “Céu Subterrâneo” e “Não Envelhecerás” e “Eu, Leonardo” (Em impressão, AltaBooks).